Plêthos, 3, 2, 2013
www.historia.uff.br/revistaplethos
ISSN: 2236-5028

Hybris e *ófsi*: o orgulho desmedido de Kormak Ogmundarson

Tiago Quintana (UVA)

Resumo: A *Kormáks saga*, escrita no começo do séc. XIII, é uma saga islandesa digna de nota por seu tema, o amor romântico. Neste artigo, no entanto, analisaremos as ações do protagonista, Kormak Ogmundarson, sob o prisma de *hybris* e *ófsi*, isto é, o orgulho desmedido: que ações o demonstram, e como ele prejudica o personagem fictício.

Palavras-chave: Kormak Ogmundarson, *hybris*, tragédia.

Hybris and *ófsi*: the undue pride of Kormak Ogmundarson

Abstract: The *Kormáks saga*, written in the beginning of the 13th century, is an Icelandic saga noteworthy for its theme, romantic love. In this article, however, we will analyze the actions of its protagonist, Kormak Ogmundarson, under the light of *hybris* and *ófsi*, that is, boundless pride: what actions display it, and how it harms the fictitious character.

Keywords: Kormak Ogmundarson, *hybris*, tragedy.

***

I. Introdução

O gênero da tragédia, vindo a nós da Atenas do século V a.C., manifestou-se ao longo do tempo em diversas formas de apresentação, como o teatro e o cinema. No entanto, antes mesmo do surgimento da tragédia como um gênero artístico, o signo cultural do trágico já existia em gêneros mais antigos, como a poesia épica. Como exemplo disso, temos o episódio d'***A Ilíada*** em que Heitor demonstra grande soberba quando ele toma a armadura de Aquiles do cadáver de Pátroclo e a veste, ofendendo ao próprio Zeus ("Mísero, sem dedicares nenhum pensamento à funesta morte que te anda a rondar, a armadura imortal envergaste de um valoroso guerreiro, de quem todos tremem de medo. A morte deste ao seu sócio benévolo e forte, tirando-lhe por

modo indécoro as armas da fronte e das largas espáduas"; ver HOMERO. ***Ilíada.*** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 393, versos 201 a 206).

Da mesma forma, o signo cultural do trágico existe em outros tipos de obras que não são, normalmente, reconhecidas como trágicas. Como algumas das sagas nórdicas, por exemplo. Apesar de cobrirem uma variedade de gêneros literários, poucos as estudam do ponto de vista da realização do trágico e quando o fazem, normalmente é para desconsiderar os elementos comuns entre as sagas e as tragédias como semelhanças superficiais, como o fez Thorsteinn Gylfason em sua introdução à edição de 1998 da Wordsworth Classics of Worlds Literature de ***Njáls saga*** ("A saga de Njal", em uma tradução livre) – mas o próprio Gylfason entende apenas superficialmente o sentido do trágico ao dizer (por exemplo) que em uma tragédia, os personagens são meros fantoches do Destino (BAYERSCHMIDT & HOLLANDER: 1998, xxiii).

Sendo assim, propomos aqui reavaliar uma saga nórdica específica, ***Kormáks saga*** ("A saga de Kormak", ainda sem tradução para o português) do ponto de vista do conceito trágico do orgulho desmedido (*hybris*, ou *ófsi*), analisando como – tal e qual em uma tragédia – esse orgulho excessivo leva à reviravolta da sorte do protagonista.

Vale notar que as ideias e conceitos presentes neste artigo são trabalhados de maneira mais expansiva e detalhada no livro ***Orgulho e tragédia em "A saga de Kormak"***, escrito pelo mesmo autor deste artigo. Para o leitor interessado em uma análise mais aprofundada do signo cultural do trágico na saga de Kormak e em um estudo comparativo entre a saga e a tragédia ***Édipo rei***, fica a sugestão de ler a obra.

II. A TRAGÉDIA

Pode-se definir a tragédia como uma história que termina com o protagonista sofrendo uma reviravolta em sua sorte (geralmente morrendo, ou pelo menos sofrendo uma grande desgraça) devido aos seus próprios erros (muitas vezes motivados por alguma falha de caráter). A tragédia, em sua essência, é um enredo (ou "mito", ou ainda "fábula", de acordo com a tradução empregada; o vocábulo original é *mýthos*) que suscita a piedade e o terror a fim de obter a purgação ou catarse (*cátarsis*) dessas emoções (ARISTÓTELES: 2005, 24). Esses sentimentos são provocados quando o herói trágico sofre uma mudança ou reversão em sua fortuna (*metábasis*), passando da felicidade para o infortúnio não por causa de qualquer falha moral, mas sim por cometer um erro (*hamartía*) de grandes proporções, muitas vezes movido pelo orgulho excessivo

(*hýbris*). Chama-se a isso - o provocar a piedade e o terror - de patético (*páthos*), isto é, o apelo às emoções do espectador (ARISTÓTELES: 2005, 31-33).

O herói trágico deve também ser superior às pessoas comuns (ARISTÓTELES: 2005, 34-35), pois, desse modo, a piedade que sentimos por sua desgraça é proporcional à admiração que sentimos por sua pessoa; e por ser desprovido de perversidade, mais injusta é a queda que sofre e por isso maior é o terror que seu infortúnio nos provoca. No entanto, pela desgraça ter se originado de um erro do protagonista, ela não é injusta.

Há ainda a peripécia (*peripéteia*), quando uma ação provoca um resultado contrário ao que era pretendido, e o reconhecimento (*anagnórisis*), quando um personagem toma conhecimento de informações que ele antes desconhecia, levando diretamente à reversão da fortuna. Seguindo os preceitos aristotélicos, nem toda tragédia precisava ter peripécia ou reconhecimento; os enredos que não tinham esses elementos eram chamados "simples", e os que tinham, "complexos" (ARISTÓTELES: 2005, 30-31).

Para demonstrar exemplos concretos dos conceitos *hamartía*, *hýbris*, *peripéteia, anagnórisis* e *metábasis*, tomamos como exemplo o mito de Édipo e a peça ***Édipo rei***, de Sófocles (uma tragédia complexa, segundo os preceitos aristotélicos, por ter peripécia e reconhecimento).

Hamartía, o erro, ocorre quando Édipo mata Laio sem saber que este é seu verdadeiro pai e se casa com Jocasta sem saber que esta é sua verdadeira mãe. Não importa que em ambos os casos ele ignorasse o que fazia; importa apenas que o patricídio (**Édipo:** "Mas o divino mandamento é conhecido: mate-se o parricida, mate-se o impuro!"; SÓFOCLES: 2009, 93, versos 1707 e 1708) e o incesto (**Édipo:** "Mas os deuses desprezam-me agora (...) porque fecundei – miserável! – as entranhas de onde saí!"; SÓFOCLES: 2009, 89, versos 1610 a 1613) são inaceitáveis.

Hýbris, o orgulho desmedido, quando Édipo recusa-se a aceitar a revelação de Tirésias sobre ele ser o verdadeiro culpado e até mesmo o insulta; Édipo, excessivamente orgulhoso de suas faculdades mentais (**Édipo:** "Pois eu cheguei, sem nada conhecer, eu, Édipo, e impus silêncio à Esfinge; veio a solução de minha mente e não das aves agoureiras"; SÓFOCLES: 2009, 37, versos 477 a 479), considera-se (erroneamente) mais sábio que o profeta, servidor de Apolo, deus dos oráculos.

Anagnórisis (reconhecimento), *peripéteia* (peripécia) e *metábasis* (reversão da fortuna) ocorrem em uma mesma cena. *Peripéteia*, quando o mensageiro, julgando confortar Édipo, revela

que ele não é filho natural de Pólibo, o que leva diretamente a todo o processo de deduções que fazem com que Édipo seja reconhecido (*anagnórisis*) como assassino de seu pai e esposo de sua mãe; por sua vez, isso leva Édipo a cair em completa desgraça (*metábasis*).

III. AS SAGAS

A produção literária dos nórdicos medievais consistia na poesia *eddaica*, na poesia *skaldica*, nas sagas, em tratados sobre a língua islandesa e em traduções de textos da Europa continental (BOULHOSA: 2005, 19, nota 15). A maior parte dessa produção foi realizada na Islândia, mas o gênero literário da poesia nórdica, assim como muitas das lendas e narrativas que serviram de base para os poemas e as sagas, são muito antigas, originárias da cultura oral germânica e escandinava (ROSS: 2000, 1; 9; 31; 64). As primeiras sagas – que falavam de reis noruegueses e santos – foram escritas na Islândia no séc. XII, embora os manuscritos mais antigos ainda disponíveis sejam do séc. XIII (BOULHOSA: 2005, 18-19).

As sagas foram escritas com base em histórias orais originárias da Escandinávia; no entanto, há divergências sobre elas serem apenas um registro escrito (mais ou menos fiel) dessas histórias, ou serem criações de antiquários que se basearam mais em suas imaginações do que na tradição oral (CLOVER & LINDOW: 2005, 239-240). São classificadas de acordo com sua temática: as sagas de reis, ou *konungasögur*, que narram a vida e os feitos de reis nórdicos, particularmente reis noruegueses; as sagas de famílias, ou *Íslendingasögur*, que narram eventos centrados ao redor de famílias e indivíduos notáveis do passado (em relação aos autores das sagas) islandês; e as sagas heróicas, ou *fornaldarsögur*, que narram histórias lendárias repletas de elementos fantásticos e até mesmo mitológicos (SAWYER: 1997, 226-227).

Além dessas, há ainda as sagas de cavaleiros, ou *riddarasögur*, que narram histórias baseadas nos romances de cavalaria continentais; as sagas de santos, ou *heilagra manna sögur*, que narram as vidas de santos cristãos; as sagas contemporâneas, ou *samtídarsögur*, que narram eventos contemporâneos aos seus autores (isto é, os séculos XII e XIII), dentre as quais incluem-se as sagas de bispos, ou *biskupasögur* ("histórias de bispos"), que narram eventos das vidas de bispos islandeses (BOULHOSA: 2005, 19).

Exemplos de sagas são: a ***Heimskringla***, uma crônica sobre os reis da Noruega, dos míticos reis da dinastia Yngling ao rei Magnus Erlingson (portanto, uma saga de reis); a ***Egils saga Skallagrímssonar***, uma saga sobre o herói islandês Egil Skallagrímsson e os muitos conflitos nos quais ele se envolve (uma saga de família); e a ***Hervarar saga ok Heidreks***, uma

saga sobre a espada amaldiçoada Tyrfing e a ruína que ela traz à linhagem do rei Sigurlami (uma saga heróica).

IV. A SAGA DE KORMAK

Kormak é filho de Ogmund, um viking (isto é, um pirata e saqueador nórdico) renomado, e Dalla. Enquanto Thorgils, seu irmão, é calmo e quieto, Kormak possui um temperamento agressivo. Quando os irmãos já estão crescidos, Ogmund morre, e Dalla passa a cuidar da casa e das terras com os filhos.

Certo dia, enquanto pastoreia ovelhas, Kormak chega em Gnupsdal, onde vivem Thorkel e sua filha, Steingerd. Kormak e Steingerd se apaixonam, e ele passa a visitá-la com freqüência, apesar de sua mãe alertá-lo de que há uma grande diferença social entre ambos e que essa relação não terminará bem se Thorkel a descobrir.

Thorkel realmente mostra-se contrário à presença de Kormak e combina com Odd e Gudmund, filhos da feiticeira Thorveig, para que o embosquem; Kormak, no entanto, prevalece e mata os dois. Depois, ele expulsa Thorveig de suas terras, dizendo que não lhe pagará a compensação devida pela vida de seus filhos. Ela o amaldiçoa, dizendo que ele jamais terá Steingerd, mas ele zomba dela e de sua maldição.

Kormak faz as pazes com Thorkel e marca seu casamento com Steingerd. No entanto, graças à magia de Thorveig, ele perde o interesse e não aparece no dia marcado para o próprio casamento. A família de Steingerd considera isso um insulto e a casam com Bersi, famoso guerreiro e duelista. Quando descobre isso, Kormak, Thorgils e mais alguns homens perseguem a comitiva de Bersi, mas só os alcançam muito tarde, quando eles já retornaram às terras de Bersi e reuniram mais guerreiros, impedindo-os de reaverem Steingerd à força. Bersi oferece sua irmã como esposa para Kormak como compensação, mas este não apenas a recusa, como também desafia Bersi para um duelo.

A partir daí, a saga mostra diversos outros episódios na vida de Kormak: ele pede emprestada a espada encantada Skofnung a Skeggi para seu duelo com Bersi, mas não tem a paciência necessária invocar sua magia e perde por pouco; seu tio, Steinar, vence Bersi em outro duelo; Steingerd separa-se de Bersi e casa-se com Thorvald Bate-Folha (referência à profissão de ferreiro do personagem), um homem de grande riqueza, mas mesquinho e maldoso; ele e seu irmão conquistam glória como vikings e tornam-se amigos do rei da Noruega, o rei Harald Capa Cinzenta (tradução livre de *Harald Greyfell*); Thorvald e seu irmão, Thorvard, difamam-no; ele

duela duas vezes com Thorvard e vence em ambas as ocasiões, conseguindo dois anéis de Steingerd como resgate; rouba dois beijos de Steingerd, pelos quais ele paga devolvendo a Thorvald os anéis dela; salva Thorvald e Steingerd de vikings e os ajuda a chegar em segurança à Noruega; e, já na Noruega, rouba mais quatro beijos de Steingerd e é novamente forçado a pagar por isso, desta vez com ouro.

Um episódio em particular desperta o interesse por mostrar novamente a impulsividade e arrogância do protagonista: quando ele vai duelar com Thorvard pela primeira vez. Thorvard vai até a feiticeira Thordis e consegue dela um feitiço que o protegeria de qualquer lâmina. A mãe de Kormak o aconselha a também procurar a feiticeira, e ele acata o conselho materno. Ela diz que ele chegara tarde demais, pois já havia posto Thorvard sob proteção mágica. Contudo, ela lhe diz para passar a noite lá, pois ainda poderia ajudá-lo. À noite, Thordis tenta desfazer a maldição de Thorveig para que Kormak e Steingerd possam ser felizes juntos, mas Kormak, em sua curiosidade, arruína tudo. Quando ela o repreende por isso, ele zomba dela, dizendo que não acredita em feitiçaria.

Outros dois acontecimentos mostram que Kormak ainda deseja Steingerd e explicitam sua rivalidade com Thorvald: no primeiro, ainda na Noruega, ele tenta forçá-la a ir com ele, mas ela grita por socorro, e o rei, que estava próximo, intervém; em um segundo momento, durante uma batalha na Pérmia, Kormak acerta Thorvald com seu remo e o deixa inconsciente, mas Steingerd assume o comando do navio de seu marido e o choca contra o navio de Kormak, emborcando-o. À noite, no entanto, os dois – Kormak e Steingerd – bebem juntos da mesma taça, reconciliados.

Thorvald então veleja até a Dinamarca com Steingerd. Um pouco depois, Kormak e Thorgils também viajam para lá. Eles encontram Thorvald, que havia sido atacado por vikings; seus bens haviam sido roubados, e Steingerd, seqüestrada. O líder dos vikings era Thorstein, filho de Asmund, inimigo do pai de Kormak.

Thorvald não tem como resgatar Steingerd, mas Kormak, junto com seu irmão, rema até o navio de Thorstein, aproveitando que a maior parte da tripulação estava em terra. Kormak mata o homem que havia recebido Steingerd como espólio e a leva de volta com ele. Thorvald então diz para Steingerd ir com Kormak, pois ele havia feito por merecê-la. Ela mesma, no entanto, se recusa. Kormak finalmente resigna-se, aceitando que seres malignos e o destino os separaram há muito tempo, mas ainda assim expressa a raiva que sente por Steingerd em um poema.

Depois disso, Kormak e Thorgils fazem muitas outras expedições, conquistando grande glória. Em uma dessas batalhas, Kormak é ferido mortalmente. Em seu leito de morte, ele passa todos os seus bens para Thorgils, bem como os serviços de seus comandados, e morre, lamentando-se por seu destino. Thorgils prossegue sua vida como um viking de sucesso.

V. *HYBRIS* E *ÓFSI* NA SAGA DE KORMAK

Hybris significa arrogância, orgulho excessivo, e também é, muitas vezes, o erro trágico cometido pelo protagonista de uma tragédia, a causa da reversão em sua fortuna. *Ófsi*, de acordo com ***A grammar to the Icelandic or Old Norse tongue*** (traduzido do sueco por George Webbe Dasent) significa *arrogance* – em português, "arrogância" –, enquanto no ***English-Old Norse Dictionary*** (compilado por Ross G. Arthur) significa *pride* – em português, "orgulho". O dicionário **Merriam-Webster Online** define *arrogance* como "*an attitude of superiority manifested in an overbearing manner or in presumptuous claims or assumptions*", isto é, "uma atitude de superioridade que se manifesta em modos dominadores ou em afirmações ou presunções orgulhosas", enquanto *pride* é definido como "*inordinate self-esteem*" e "*proud or disdainful behavior or treatment*", "auto-estima excessiva" e "comportamento ou tratamento orgulhoso ou desdenhoso".

Kormak demonstra orgulho excessivo e "afirmações ou presunções orgulhosas" quando zomba da feitiçaria e recusa-se a aceitar sua ajuda. Assim como Édipo julga saber mais que o profeta Tirésias, Kormak se julga superior ao sobrenatural: ele despreza a maldição de Thorveig e zomba dos preparativos necessários para invocar o poder da espada encantada Skofnung. Contudo, ao longo da saga são apresentadas várias ocasiões nas quais a feitiçaria é concreta e influente: o pai de Kormak ouve uma profecia antes de enfrentar Asmund que o assegura de sua vitória, Bersi possui um talismã que o permite recuperar-se rapidamente de ferimentos, e Thorvard recebe proteção mágica de Thordis, para citar apenas alguns exemplos. Até mesmo Kormak, quando acusado por seu irmão de ter desperdiçado sua chance com Steingerd, culpa a magia. Ainda assim, ele persiste em seu orgulho e recusa-se a aceitar a ajuda do sobrenatural, como quando ele desdenha da ajuda de Thordis para desfazer a maldição de Thorveig.

Outra falha trágica de Kormak, sua impetuosidade, demonstrada em vários episódios da saga (já no começo, o narrador nos conta sobre seu temperamento agressivo; Skeggi o avisa que não conseguirá sucesso com Skofnung devido à sua natureza; e Bersi, em respeito à inexperiência de Kormak, sugere enfrentá-lo em um simples combate singular, sem seguir as complicadas regras que governavam o duelo, mas Kormak recusa). Essa falha está intimamente relacionada ao seu orgulho: Kormak, excessivamente seguro de si, não pondera suas ações.

Na saga de Kormak, o orgulho manifesta-se como uma crença tão poderosa do protagonista em sua força e independência, que o leva a desafiar forças ocultas muito superiores ao Homem. Kormak julga-se acima de poderes que regem a todos os outros ao seu redor, e por isso sofre a reversão em sua fortuna – a perda da mulher que ama.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES (2005), Arte poética, In *A poética clássica / Aristóteles, Horácio, Longino,* São Paulo, Editora Cultrix, p. 19-52, Traduzido para o português por Jaime Bruna.

BAYERSCHMIDT, Carl F. & HOLLANDER, Lee M. (1998), *Njal's saga*, Londres, Wordsworth Editions.

BOULHOSA, Patricia Pires (2005), Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval, *Signum*, n. 7, p. 13-39.

CLOVER, Carol J. & LINDOW, John ed. (2005), *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*, Toronto, University of Toronto Press.

COLLINGWOOD, W. G. & STEFÁNSSON, Jón (2004), *The life and death of Kormak the skald*, Nova Iorque, Kessinger Publishing.

ENGLISH-OLD NORSE DICTIONARY (2002), Disponível em: http://www.yorku.ca/inpar/language/English-Old_Norse.pdf, Acesso em: 23/06/2011. Compilado por Ross G. Arthur.

HOLLANDER, Lee M. (1949), *The sagas of Kormák and The Sworn Brothers*, Nova Iorque, Princeton University Press, p. 3-72.

KORMÁKS SAGA, Disponível em: http://www.sagadb.org/files/pdf/kormaks_saga.pdf, Acesso em: 23/06/2011.

LESKY, Albin (2003), *A tragédia grega*, São Paulo, Editora Perspectiva.

RASK, Rasmus. ***A grammar of the Icelandic or Old Norse tongue.*** 1843. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/agrammariceland00dasegoog#page/n6/mode/2up>. Acesso em: 23/06/2011. Traduzido para o inglês por George Webbe Dasent.

ROMILLY, Jacqueline de. ***A tragédia grega***. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ROSS, Margaret Clunies (ed.). ***Old Icelandic literature and society.*** Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000.

SAWYER, Peter (ed.). ***The Oxford illustrated History of the Vikings.*** Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.

SÓFOCLES. Édipo rei. *In:* ***A trilogia tebana:*** **Édipo rei, Édipo em Colono, Antígona.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. p. 17-100. Traduzido para o português por Mário da Gama Kury.

VERNANT, Jean-Pierre & VIDAL-NAQUET, Pierre. ***Mito e tragédia na Grécia antiga.*** São Paulo: Editora Perspectiva, 2008. Traduzido para o português por Anna Lia A. de Almeida Prado, Filomena Yoshie Hirata Garcia, Maria da Conceição M. Cavalcante, Bertha Halpem Gurovitz e Hélio Gurovitz.